



Boletim Cultural Digital

Marambiré

Arte – Cultura – Folclore – História – Literatura – Meio Ambiente



ANO II – NÚMERO 13 • 10 DE JANEIRO DE 2012 • EDITOR: LUIZ ISMAELINO VALENTE • E-MAIL: ISMAELINO@TERRA.COM.BR

São Benedito – o padroeiro do bairro da Luanda em Alenquer

Os católicos do bairro da Luanda, em Alenquer, celebram, a 6 de janeiro, o seu padroeiro São Benedito.

Benedito foi religioso da Ordem dos Franciscanos Menores. Nasceu na Sicília, no Sul da Itália, a 31 de março de 1524 (algumas versões dizem que ele nasceu em 1526) e faleceu em Palermo, também na Itália, em 4 de abril de 1589. Por sua ascendência africana (moura ou etíope) era chamado de São Benedito *Negro* – ou *Africano*, ou *Mouro* – em alusão à cor de sua pele.

Benedito era pastor de ovelhas e lavrador. Aos 18 anos de idade decidiu consagrar-se a Deus. Aos 21, foi levado a conviver com os *eremitas* de São Francisco de Assis. Fez os votos de pobreza, obediência e castidade. Caminhava descalço pelas ruas e dormia no chão sem cobertas. Depois de 17 anos entre os *eremitas*, foi designado como cozinheiro do Convento dos Capuchinhos. Por sua piedade, sabedoria e santidade, tornou-se o Superior do

Mosteiro, apesar de ser analfabeto e leigo, pois não fora ordenado sacerdote. Os frades o consideravam, contudo, um *iluminado* pelo Espírito Santo, pelas profecias que fazia e pelos conselhos que dava.

Ao terminar seu tempo como Superior, Benedito reassumiu, com a maior humildade e alegria, suas atividades na cozinha do convento (exemplo que deveria ser fielmente seguido pelos poderosos de hoje, que, uma vez alçados aos cargos de mando, não querem mais saber de largar o osso!)

Preocupado com os mais pobres do que ele, Benedito retirava alguns mantimentos do Convento, escondia-os por debaixo de suas roupas e os levava para os famintos que povoavam as ruelas das cidades. Conta a tradição que, em uma dessas saídas, o novo Superior do Convento o surpreendeu e perguntou: – “Que escondes aí, embaixo de teu manto, irmão Benedito?” E o santo, humildemente, respondeu: – “Rosas, meu senhor!”, e, abrindo o manto, de fato apareceram rosas de grande beleza e não os alimentos de que suspeitava o Superior.

De cozinheiro a Superior do Convento, de analfabeto a sábio, São Benedito morreu aos 65 anos de idade e foi canonizado em 24 de maio de 1807, pelo Papa Pio VII. Na porta de sua cela no Convento de Santa Maria de Jesus de Palermo, encontra-se uma placa com a inscrição em italiano indicando ser a *Cela de São Benedito*, e, embaixo, as datas 1524-1589, alusivas aos anos do seu nascimento e da sua morte. O dia de sua festa na Luanda é 6 de janeiro, dia dos Reis, em alusão à visita dos Reis Magos à manjedoura do Menino Jesus recém nascido. A população do bairro da Luanda era predominante descendente dos quilombolas e mocambeiros do rio Curuá, remanescentes de escravos vindos do Congo e de Angola, daí a origem do nome do bairro e a escolha de São Benedito como seu padroeiro. Em Alenquer, a festa de São Benedito está intimamente ligada às festividades de Santo Antônio, padroeiro da cidade, e à de São Sebastião – os principais santos cultuados pelos alenquerenses.



Igreja de São Benedito, no bairro da Luanda (Foto: Tarcísio Mesquita)

São Sebastião – o padroeiro do bairro do Aningal em Alenquer

Os moradores católicos do bairro do Aningal (palavra que designa a vegetação constituída de *aningaúbas*, planta da família das aráceas – *Montrichardia arborescens* – muito comum nos furos e ilhas flutuantes da Amazônia), na cidade de Alenquer, celebram, a 20 de janeiro, o seu padroeiro São Sebastião. Nascido na França em 256 d.C. e falecido em 286 d.C. (muito jovem, portanto, já que tinha só 30 anos de idade), São Sebastião, originário de Narbonne e cidadão de Milão, foi um mártir e santo cristão, morto durante a perseguição ao Cristianismo levada a cabo pelo imperador romano Diocleciano. O seu nome deriva do grego *sebastós*, que significa divino, venerável, bem-aventurado. De acordo com os *Actos* apócrifos, atribuídos a Santo Ambrósio de Milão, Sebastião foi um soldado que teria se

alistado no exército romano por volta de 283 d.C., com o único escopo de ajudar os cristãos submetidos às torturas impostas pelos governadores romanos.

Curiosamente, Sebastião era estimado pelo imperador Diocleciano, que o queria sempre próximo, ignorando tratar-se de um cristão e, por isso, chegou a designá-lo capitão da sua guarda pessoal, a Guarda Pretoriana.

Por volta de 286 d.C., a sua conduta estranhamente branda para com os prisioneiros cristãos teria levado o imperador a julgá-lo sumariamente como traidor, condenando-o à morte, e ordenando a sua execução por meio de flechas (que se tornaram um símbolo constante na sua iconografia).

Dado como morto e atirado ao rio, Sebastião, entretanto, não morrera. Encontrado e socorrido por Irene (Santa Irene), apresentou-se novamente diante de Diocleciano, que desta feita ordenou que ele fosse espancado até a morte. Aí, sim, comprovadamente morto, seu corpo foi jogado no esgoto público de Roma. Luciana (Santa Luciana, cujo dia é comemorado em 30 de Junho) resgatou seu corpo, limpou-o e sepultou-o nas catacumbas.

Existem, é claro, inconsistências históricas nos relatos sobre a vida de São Sebastião: o Edito de Diocleciano que ordenou a perseguição sistemática aos cristãos pelo Império data de 303 d.C., de modo que a data tradicional do martírio de São Sebastião parece um tanto precoce. Mas é de se observar que o simbolismo na História do Cristianismo, como no caso de Jonas, de Noé, e, igualmente, de São Sebastião, hoje é visto pelas

lideranças cristãs como mera alegoria, um mito, um fragmento de estórias ou uma construção histórica que atravessou séculos e que deve ser relativizada.

O bárbaro método da sua execução fez de São Sebastião um tema recorrente na arte medieval, geralmente representado como um jovem amarrado a uma estaca e perfurado por várias setas (flechas). Três setas – uma em pala e duas em aspa –, atadas por um fio, constituem o seu símbolo heráldico.

Tal como São Jorge, Sebastião foi um dos soldados romanos mártires e santos cujo culto nasceu no século IV e que atingiu o seu auge na Baixa Idade Média, designadamente nos séculos XIV e XV, tanto na Igreja



Igreja de São Sebastião, no Aningal (Foto: site *Alenqueremos*)

Católica como na Igreja Ortodoxa. Como São Jorge e outros santos, São Sebastião também é cultuado na umbanda. Embora os seus martírios possam provocar algum ceticismo junto dos estudiosos atuais, certos detalhes são consistentes com atitudes dos mártires cristãos seus contemporâneos.

Os festejos de São Benedito, no bairro da Luanda, e os de São Sebastião, no bairro do Aningal, em Alenquer do Pará, em nada diferiam, tempos atrás, aos festejos de Santo Antônio, padroeiro da cidade: as respectivas capelas, tal como a Igreja Matriz, feericamente iluminadas; o arraial embandeirado; as barracas de comidas e bebidas típicas; os romeiros; a orquestra tocando no coreto; os jovens nas indefectíveis *paqueras* - tudo convergia para unir, inevitavelmente, o religioso ao profano e vice-versa.

Na casa do editor do boletim, quando criança, o dia de São Sebastião era dia de vestir roupa nova e por sapatos engraxados... Assim, toda engalanada, a garotada acompanhava os adultos na procissão de São Sebastião. Depois seguia-se o lauto almoço, como nos dias de Santo Antônio, o padroeiro maior da cidade.

Alenquer hoje já não se restringe aos bairros da Luanda e do Aningal. A cidade expandiu-se e uma dezena de bairros foram surgindo, cada qual com seu santo padroeiro ou sua santa padroeira. Mas a imagem dos arraiais de Santo Antônio, de São Benedito e de São Sebastião não se apagam jamais da memória da criança.

Como escreveu José Serra, no seu blog, lembrando os Natais de antanho, que viveu na infância passada no bairro da Mooca, em São Paulo:

– “O olhar da criança fica congelado no tempo e compõe a nossa teia de afetos. O que está irremediavelmente perdido também está, na memória, irremediavelmente guardado.”



São Sebastião, na célebre alegoria de Sandro Botticelli (1554-1510).

(Re)descobrimos F. G. de Amorim (XIII) – e que fim levou São Tomé?

Quando se estuda a obra do poeta lusitano Francisco Gomes de Amorim (1827-1891), descobre-se, não sem uma desconcertante surpresa, a existência da festa de São Tomé nas comunidades às margens do lago Curumu de Alenquer. Na sua peça teatral *O Cedro Vermelho*, totalmente ambientada às margens desse belo lago, e que conta a história do amor não realizado do cacique juruna Lourenço (de apelido Cedro Vermelho) e Matilde (a Rosa do Surubiú), Gomes de Amorim descreve, com ricas pinceladas, a festa do Apóstolo, realizada na cabana do tapuio Tomé e pontuada pelo Sairé.

Na nota nº 150 da peça, Gomes de Amorim esclarece:

“No *Ensaio Corográfico* sobre o Pará diz Baena [Antônio Ladislau Monteiro Baena] que os tapuios não fazem nenhuma festa religiosa, além da de S. Tomé. Isto não é exato; os tapuios gostam muito de festas de igreja e em geral de todas as cerimônias religiosas, embora não as compreendam, e simpatizam especialmente com vários santos, se bem que a nenhum testemunhem tanta afeição como ao Apóstolo S. Tomé. Crêem eles que este santo andou pelo Brasil e ensinou seus antepassados a cultivar a mandioca.

A festa do apóstolo, ensinada pelos jesuítas aos índios, é feita com esmolas que eles pedem dias antes por todos os lugares, circunvizinhos daquele onde será celebrada. No peditório levam uma pequena imagem do santo apóstolo, uma bandeira branca com a efígie dele, e junto de quem a empunha vai um tapuio tocando com a mão direita um tamborinho e soprando uma gaita, dedilhada pela mão esquerda. Baena traz uma nota dizendo que ‘essa gaita é diferente de outra que chamam *mamboia xió*, a qual é uma taboca com três furos, e uma língua de tucano em lugar da palheta; o som mavioso e sonoro deste instrumento tem provocado em algumas pessoas tristeza e pranto’. Confesso que nesta questão de gaitas sou profundamente ignorante ou dotado de muito mau gosto; todas quantas ouvi tocar aos índios me pareciam iguais, e me atacavam fortemente os nervos...”

São Tomé (ou Tomás) foi um dos doze apóstolos escolhidos por Jesus, segundo os Evangelhos sinóticos e os *Atos* dos apóstolos (Mt 10:3, Mc. 3:18, Lc 6:15). Alguns

teólogos discordam a respeito da verdadeira identidade de São Tomé. Tomé ou Tomás não seria propriamente um prenome, mas sim a palavra equivalente a *gêmeo*, vindo do aramaico *Tau'ma* e posteriormente traduzida para o grego Didymus. Essa palavra aparece junto ao prenome Judas em alguns trechos bíblicos. Muito se discute se esse Judas seria irmão gêmeo de Tomé. Outros acreditam se tratar de Judas Tadeu, irmão de Tiago Menor, confundido com uma terceira pessoa apenas porque seu nome teria sido escrito com a alcuinha Gêmeo algumas vezes em vez de Tadeu. Essa suspeita é reforçada por não haver um consenso histórico sobre quem seriam verdadeiramente os doze apóstolos, havendo indicativos no Novo Testamento de outros possíveis seguidores escolhidos por Jesus para serem um dos doze. E há quem ache até que Tomé seria filho de Jesus.

A tradição católica e ortodoxa apoia a existência do Apóstolo Tomé e registra a sua missão evangelizadora e seu martírio na Índia, onde morreu transpassado por lanças empunhadas pelos hindus. No século XVI os portugueses que chegaram à região disseram ter descoberto a cripta do santo, suas relíquias, e, inclusive, um pedaço de uma das lanças com as quais fora morto, ainda com o seu sangue coagulado.



O curioso é que a região do lago Curumu, em Alenquer, hoje conta com cerca de dez comunidades – e nenhuma delas cultua São Tomé. Uma rápida pesquisa sobre outros distritos do município de Alenquer chegará à mesma constatação: São Tomé sumiu do calendário religioso alenquerense, sabe-se lá desde quando. De parelha, sumiu também das terras chimangas o Sairé, hoje praticamente restrito à vila de Alter-do-Chão (em Santarém). Religiosidade à parte, é uma pena que um naco tão bonito da cultura popular de Alenquer tenha desaparecido dessa maneira, sem deixar rastro – a não ser, felizmente, os que foram indelevelmente gravados no relicário da obra do poeta de Aver-O-Mar.

Para refletir: “Estranhem o que não for estranho. Tomem por inexplicável o habitual. Sintam-se perplexos ante o cotidiano. Tratem de achar um remédio para o abuso. Mas não se esqueçam de que o abuso é sempre a regra.” (*Bertold Brecht*)

• Brecht foi um dos nomes mais influentes do teatro do século XX, não só pela criação de uma obra excepcional, mas também pelas inovações teóricas e práticas que introduziu. Sua influência, no entanto, não se restringe ao teatro, pois Brecht foi igualmente importante pelas novidades técnicas de sua poesia. Escritor e diretor de teatro alemão, Bertolt Brecht nasceu em Augsburg, Baviera, em 10 de fevereiro de 1898 e morreu em Berlim em 14 de agosto de 1956.

Belém, 396 anos – mas... o que temos mesmo para comemorar?

Depois de ajudar a dominar o Maranhão, o navegador, explorador e administrador colonial português Francisco Caldeira Castelo Branco partiu de São Luís em 25 de dezembro de 1615 com a missão de conquistar a foz do rio Amazonas, onde chegou a 12 de janeiro de 1616 e nessa mesma data construiu, com seus companheiros de expedição (cerca de duzentos homens) um abrigo a que daria o nome de *Forte do Presépio*, numa alusão à data em que deixara São Luís para fundar a cidade de Santa Maria de Belém do Grão-Pará.

Quase quatrocentos anos já se passaram. Belém tornou-se uma capital moderna e bonita, a mais européia das cidades do Norte. Graças, sobretudo, à arquitetura do italiano Antônio José Landi (nascido em Bolonha em 30/10/1713 e falecido em Belém em 22/06/1791) e à revolução urbanística implementada na virada do século XIX para o século XX por Antônio José de Lemos (nascido no Maranhão em 17/12/1843 e

falecido Rio de Janeiro em 02/10/1913, que em Belém conheceu o céu e o inferno, a glória e a desgraça e que até hoje é considerado o maior gestor da capital do Pará).

Entra prefeito, sai prefeito e o que se vê é que a obra de Landi e de Lemos ou foi destruída, ou foi desvirtuada ou foi abandonada pelas administrações municipais que se sucederam ao longo das décadas. As recentes restaurações dos principais ícones turísticos de Belém (a Estação das Docas, o Parque da Residência, o Conjunto Feliz Lusitânia e o Mangal das Garças, por exemplo) são obras do governo do Estado e não da prefeitura.

As palmeiras imperiais, os túneis de mangueiras, os azulejos portugueses, as pedras de lioz e os majestosos quintais foram irremediavelmente condenados ao desaparecimento pela implacável *verticalização* das moradias, que não respeita sequer os sítios à beira d'água. Um burocrata qualquer já aventou a ideia de expulsar as tacacazeiras para os bairros periféricos, como um dia, aliás, em plena ditadura, um censor idiota quis confinar aos bairros longínquos as *pensões* do centro da cidade, comandadas pelas lendárias *madames* com nomes afrancesados.

O vetusto Theatro da Paz, o maior símbolo do fausto, do luxo e da boa vida da era da borracha e da *Belle-Époque*, aberto ao público em 1878, vira e mexe ameaça ruir sob os ataques de cupins.

O aniversário de Belém costumava ser cantado em prosa e verso por gente de nomeada como Manoel Bandeira (*Bembelelém / Viva Belém / Nortista gostosa / eu te quero bem... Terra da castanha / Terra da borracha / Terra de biriba, bacuri, sapoti / Terra de fala cheia de nome indígena...*), De Campos Ribeiro (*Gostosa Belém de Outrora*), Bruno de Menezes (*Belém veste-se de galas, / de luz, de sons e de flores...*), Edyr Proença e Adalcinda Camarão (*Sem Círio de Virgem, sem cheiro cheiroso / Sem a chuva das duas que não pode faltar / Murmuro saudades de noite abanando / Teu leque de estrelas / Belém do Pará!...*), Chico Sena (*Rosa flor, vê quanta mangueira / e o cheira-cheira do tacacá / Meu amor, ata a baladeira, / embalança a beira do rio mar...*) ou Paes Loureiro (*Ai! Cidade das Mangueiras! / Quem te vê e não te ama? / O rio se curva e te oferta / um branco buquê de espuma. / A noite deita nos becos / e a cuiá da lua derrama...*) e por aí vai.

Mas, frise-se, "era cantado"... porque agora, com seu infernal sistema viário, os pronto-socorros pedindo socorro, as suas escolas deficientes, e tudo isso clamando por investimentos, Belém, a apenas quatro anos do seu quarto centenário, tem que aturar a prefeitura reinventar o axioma romano *panem et circenses*, e, em ano de eleições municipais, anunciar uma festa do arromba, com bolo de 400 quilos e um *mega-show* de famosa cantora baiana que nada tem a ver com Belém, coadjuvada por expoentes locais do *tecnomelody*, ritmo sucessor do *calypso* e do *tecnobrega*, que, sabe-se lá porque cargas d'água, agora nos impingem como "a música do Pará". Como diria o saudoso Edwaldo Martins, o mais lido colunista social de *A Província do Pará* (esta própria já de há muito extinta): – "Tão Belém!" Ah! Belém do Pará, nortista gostosa, eu também te quero bem!



Imagem do obsoletismo: Santa Maria de Belém do Grão-Pará, há 396 anos protegida por canhões que nunca entraram em ação em qualquer guerra ou revolução, só nas alvoradas de dias festivos como o do aniversário da cidade.